

36º Encontro Anual da Anpocs

GT21 – Mídia, política e eleições

Título: Em defesa da “igualdade de oportunidades”: o discurso político eleitoral de
Dilma Rousseff na campanha presidencial de 2010

Autora: Teresinha Maria de Carvalho Cruz Pires

21 a 25 de outubro de 2012
Águas de Lindóia – São Paulo

Em defesa da “igualdade de oportunidades”: o discurso político eleitoral de Dilma Rouseff na campanha presidencial de 2010

Autora: Teresinha Maria de Carvalho Cruz Pires

“Essas cordas que atribuem o respeito a este ou àquele em particular são cordas da imaginação.” (PASCAL *apud* BURKE, 1994, p.13).

1. Introdução

Propõe-se, neste artigo¹, tratar do modo como o discurso sobre a igualdade – definidor da posição política de esquerda na concepção de Norberto Bobbio (2001) – foi construído no Horário Gratuito Político Eleitoral (HGPE) televisivo da candidata Dilma Rouseff (PT), em 2010, no primeiro turno. Nesse sentido, busca-se demonstrar como se trata do discurso da “igualdade de oportunidades” com centralidade na defesa da “oportunidade de inclusão produtiva”². Interessa-nos ainda discorrer sobre o modo como a candidata petista explicita e justifica sua opção pelos pobres e seu compromisso de campanha de um “Brasil sem Miséria”. Ruy Fausto (2011), com base em Bobbio³, sugere que, além da igualdade, outro critério importante deveria ser levado em conta ao se caracterizar a esquerda: sua preocupação com os pobres. Diz ele:

O critério de Bobbio parece válido, em geral, se se privilegiar o lado prático (a esquerda “exalta” a igualdade, e se dispõe a favorecer políticas que favorecem a igualdade, etc.), mais do que o teórico (a esquerda supõe que os homens são mais iguais do que desiguais, etc.). **Há um outro critério que Bobbio menciona, só *en passant*, e que talvez seja mais importante do que ele supõe: a ideia de que o que caracteriza a esquerda é a preocupação com os mais pobres**, ou com os que tem menos poder – com os mais frágeis em suma. Diante do critério da igualdade, poder-se-ia dizer que a preocupação em ajudar os mais frágeis aparece como um fim e a igualdade como um meio

¹ Gostaria de agradecer a Flávia Biroli pela preciosa contribuição dada à primeira versão deste texto, apresentada no Encontro da Anpocs de 2011. A Silvana Seabra, Eleonora Bastos, Manoel de Almeida Neto, André Caetano, Sandra Freitas, Enaldo Souzalima, Viviane Gonçalves, Érica Anita Silva, Mariana Passos, Wilson Milani, Ana Maria Oliveira, pela interlocução qualificada; a Tatiana Saúde e Marcelo Ferreira, pela captura da imagem, e a Edson Cruz, pela revisão cuidadosa.

² Como se verá no decorrer do texto, no HGPE de Dilma Rouseff é dada centralidade à questão do trabalho. Dilma Rouseff corrobora essa defesa em seu discurso proferido durante a 39ª Reunião Ordinária do Pleno do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES), realizada em Brasília no dia 30/08/2012: “[...] o caminho de saída da miséria para os adultos é o **acesso ao emprego, à oportunidade de inclusão produtiva** – quaisquer que sejam –, para as crianças e para os jovens, o único caminho é a educação, educação e mais educação”.

³ BOBBIO, Norberto. *Destra e Sinistra, ragioni e significati di una distinzione politica*. Roma: Donzelli Editore, Nova Edição, 1999.

a serviço desse fim. **Mas também se poderia dizer, ao inverso, privilegiando o lado objetivo, que o fim é a igualdade e que a melhoria da situação dos mais frágeis seria uma implicação dela, em termos de meios.** Por outro lado, seria possível perguntar se o critério da igualdade conviria bem a todos aqueles que, pelo menos, se costuma incluir na tradição da esquerda. (FAUSTO, 2011, p.2, grifos nossos).

Tomando como ponto de partida tal formulação elaborada por Ruy Fausto, a análise é encaminhada no sentido de evidenciar o distinto *lugar de fala* de Dilma Rousseff com relação a Lula, especialmente no que se refere à sua preocupação com os mais pobres. Corroborando o que Fausto (2011) salienta acima – “seria possível perguntar se o critério da igualdade conviria bem a todos” –, Jorge Almeida (2002, p.42) salienta de modo pertinente: “nem todas as estratégias discursivas são possíveis do mesmo modo, mas somente as que estão ‘autorizadas’”. A retórica adotada nas campanhas de Lula sempre foi a de que seu compromisso com os mais frágeis advinha, sobretudo, de sua extração de classe, e, portanto, de sua vivência, já no caso de Dilma, como se verá adiante, a estratégia retórica foi a de realçar que sua compaixão pelos pobres resultaria de um dom natural e de um ideal moral.

Com vista a esses propósitos, o artigo foi assim organizado. De início, busca-se demonstrar como, a partir de 2002, presencia-se um deslocamento no discurso do Partido dos Trabalhadores (PT) no que se refere à igualdade, estabelecendo-se, assim, uma distinção relevante entre lulismo e petismo.

Em seguida, a proposta é evidenciar como o entendimento do discurso da “igualdade de oportunidades” no HGPE de Dilma Rousseff – e também da discussão sobre desigualdade hoje no Brasil – demandam uma apresentação do estudo “A Nova Classe Média”, coordenado por Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Nesse sentido, busca-se destacar a importância de se considerar a repercussão desse estudo na cena de visibilidade midiática, bem como o seu modo de apropriação político-eleitoral pelo governo Lula e pelos estrategistas da campanha de Dilma. Afinal, como bem salienta Ricci (2010, p.11): “o fato relevante é que o lulismo gerou e se alimenta da emergência da nova classe média brasileira”. Apropriando-se da proposta formulada por Peter Burke em seu livro “A fabricação do Rei: A construção da imagem pública de Luís XIV” a ideia é discorrer sobre a *fabricação* da “nova classe média”. Fabricação entendida aqui, conforme propõe o autor, como designando um **processo** – e, portanto, não no sentido de advogar uma artificialidade do fenômeno em questão – que confere centralidade, sobretudo, ao âmbito da circulação midiática. Vale frisar, inspirada em

Burke, nesse momento, a intenção é focar na imagem pública que a “nova classe média” ocupa, a partir de 2008, na imaginação coletiva (BURKE, 1994, p.13), entendendo o HGPE televisivo de Dilma Rousseff como espaço privilegiado e relevante nesse processo de fabricação.

No HGPE televisivo de Dilma Rousseff – entendido aqui como tradução imagética do estudo coordenado por Marcelo Neri –, busca-se demonstrar como a ascensão da “nova classe média”, com a retomada do crescimento econômico, deveria ser vista como uma confirmação da redução da desigualdade brasileira propiciada pelo governo lulista por meio de sua bem-sucedida política de transferência de renda, sobretudo, pelo Bolsa Família e pelo microcrédito, que permitiram a recuperação do mercado de trabalho, em particular a da ocupação. Entre as ocupações, é dado destaque para o empregado com carteira de trabalho assinada e para aquelas pessoas que trabalham por conta própria, empreendedores. Assim, neste artigo, são analisados testemunhos e relatos biográficos da “gente guerreira” – designação atribuída aos beneficiários da política de transferência de renda do governo que ascenderam à “nova classe média –, a intenção é apresentar a percepção – publicizada pelo HGPE de Dilma e, portanto, com seus critérios próprios de edição – desses “guerreiros” sobre o que representou para sua vida a oportunidade de ingresso no mercado de trabalho, de ocupação⁴ propiciada pelos projetos sociais do governo Lula.

Por último, apresenta-se uma análise do HGPE de Dilma tendo como foco a retórica midiaticizada do discurso da igualdade de oportunidades e da opção pelos pobres.

2. O deslocamento do discurso sobre a igualdade: do petismo ao lulismo

⁴ Como se verá adiante, Neri (2008) salienta a recuperação da ocupação com destaque para o emprego com carteira de trabalho assinada. Woleck (2002, p.7), “O agrupamento das ocupações é feito, aqui, como no decorrer de toda a História da sociedade brasileira, de acordo com sua posição ou “prestígio”, tendo sido estabelecida uma escala de *status* no país desde 1947. **A percepção do *status* ocupacional é mutante, acompanhando a dinâmica da sociedade e a evolução do sistema produtivo.** Assim, a ocupação humana, numa dada sociedade, também leva em conta as crenças e os valores que perpassam a vida humana associada, e não é por acaso que a lógica subjacente às relações sociais reduziu e circunscreveu a ocupação ao trabalho e ao emprego na sociedade atual.” (p.7). Ocorre-nos se a valorização do “trabalho por conta própria” (do empreendedorismo) não poderia ser visto como Souza (2010) propõe como reflexo do atual estágio do capitalismo financeiro.

Na visão de Miguel (2006)⁵, um ponto central a ser levado em conta na campanha presidencial de 2002, é o fato de que, naquele momento, o Partido dos Trabalhadores (PT) “abandonava a defesa da igualdade substantiva para promover a ‘igualdade de oportunidades’”⁶ (MIGUEL, 2006, p.46). Ou seja, passa-se de uma concepção de igualdade, na perspectiva do igualitarismo, para outra própria ao liberalismo. Bobbio (2000) entende que, no igualitarismo, propugna-se uma igualdade em termos dos pontos de chegada ou dos resultados – uma igualdade econômica, ao passo que, no liberalismo, defende-se uma igualdade dos pontos de partida, ou das oportunidades:

[...] a afirmação da igualdade dos pontos de partida é a premissa necessária de uma doutrina, como a liberal, que considera a vida social uma grande disputa na qual vence quem combate melhor (o mais capaz) em tal doutrina, a única igualdade admitida é aquela que se resume em colocar todos os concorrentes na condição de iniciar a corrida a partir da mesma linha de largada. Na doutrina igualitária ocorre exatamente o oposto: o que conta é a igualdade dos pontos de chegada, não importando se essa igualdade venha depois de uma desigualdade dos pontos de partida. [...] A oposição que apresentei aqui, como oposição entre igualdade de pontos de partida e igualdade de pontos de chegada, foi também apresentada como oposição entre igualdade de oportunidades e igualdade de resultados, e considerada como **representativa da oposição entre uma concepção individualista e pluralista e uma concepção solidária e comunitária da sociedade**. (BOBBIO, 2000, p. 301-302, grifos nossos).

De acordo com Miguel (2006), o que se presencia, a partir de 2002, é uma significativa e “reveladora” mudança no projeto político e no discurso do PT; passa-se à exaltação do indivíduo em vez do grupo, do coletivo, e, assim, o discurso de “igualdade de oportunidades” pode ser claramente observado:

[...] O Lula que se orgulhava de sua condição de integrante da classe trabalhadora, o Lula que era povo, “gente como a gente”, foi transformado no

⁵ Cabe salientar que este artigo busca estabelecer um diálogo com o instigante texto de Luis Felipe Miguel intitulado “A palavra ‘aperfeiçoada’, o discurso do Partido dos Trabalhadores nas eleições de 2002” (2006).

⁶ De modo interessante, Miguel (2000) em sua análise sobre os discursos políticos dos candidatos à presidência, em 1994, considera o discurso da “igualdade de oportunidades” como um *mito político* e o identifica no discurso de Orestes Quécia, então candidato à presidência pelo PMDB: [...] O candidato do PMDB também utilizou, em sua campanha, a idéia da “igualdade de oportunidades” – no que foi, em realidade, a tentativa de importação de um mito político, **o mito que é um dos cimentos da coesão social** nos Estados Unidos. Nesta sociedade em que as oportunidades de ascensão social estão abertas para todos, a competição generalizada anula o conflito (e, também, a solidariedade). Trata-se de um *mito político* plenamente configurado, no sentido que foi dado ao conceito. Ele deforma a percepção da realidade, ocultando os fatores estruturais da desigualdade nas sociedades capitalistas; e, com isso, expressa a rejeição a um conflito que foi despido de suas motivações concretas. (MIGUEL, 2000, p. 212).

“vencedor” que veio de baixo e subiu na vida. [...] “Sempre enfrentei desafios na minha vida desde o dia em que nasci e sempre consegui vencer todos, um a um” sintetizou o candidato, no discurso de encerramento da campanha no segundo turno (programa de 20/10 e reprisado em 22/10). Esse **vencedor aparecia na televisão com gravata e ternos bem cortados, o figurino de qualquer integrante da elite política no Brasil**, em contraste flagrante com o sindicalista barbudo e mal-ajambrado de 1989. **Os flashes biográficos inseridos em sua propaganda destacavam muito mais as viagens ao exterior e o convívio com “líderes mundiais”** do que a vivência junto aos movimentos sociais brasileiros (programa de 24/9). (MIGUEL, 2006, p.45, grifos nossos)

De modo muito interessante, é possível observar que se Miguel aponta, em 2002, a adoção por Lula do discurso daquele que subiu na vida – reconhecido como político influente – por mérito próprio e o abandono da defesa do coletivo. Denise Paraná, em seu livro “Lula, o filho do Brasil” (2002) – originalmente sua tese de doutorado em Ciências Humanas na USP – examina justamente o contrário: como Lula teve de abandonar, na década de 1970, seu projeto pessoal de “subir na vida” em prol de um projeto coletivo, na visão da autora, uma passagem da “cultura da pobreza” para a “cultura da transformação”. Em certo trecho do livro, no qual ela apresenta suas reflexões sobre as histórias de vida coletadas com Lula e seus irmãos, a autora salienta:

[...] Lula, o eterno caçula de dona Lindu, foi, como sabemos, o único que ainda adolescente teve a possibilidade de estudar para tornar-se um operário especializado. Enquanto os irmãos mais velhos trabalhavam quase diuturnamente para garantir minimamente o sustento familiar, Lula trabalhava, mas também estudava. Assim, no futuro, depois de formado e como homem adulto, ele seria um trabalhador qualificado respeitável, um orgulho para si e para toda a família, vestiria com satisfação um uniforme de trabalho com a marca de uma grande empresa estampada no peito, receberia o que para eles se apresentava como um fantástico salário e seria reconhecido por seus pares como vencedor. Seria uma forma de promover a simbólica ascensão social de toda a família.

Sem poder imaginar que o futuro lhe reservava um caminho bem diverso deste de operário qualificado – que, por vias diferentes, também iria significar ascensão social –, Lula, durante muitos anos, simplesmente acalentou a esperança de tornar-se operário especializado que pudesse gozar da estabilidade de um “bom emprego” em uma grande indústria metalúrgica e poder criar seus filhos ao lado de sua esposa, sossegadamente, até envelhecer e aposentar-se, como tantos outros trabalhadores que conhecera e admirara. Este era seu projeto de vida. **mais que um simples projeto, era projeto de quem “venceu na vida”**. **Novamente encontramos aqui mais um elemento que poderia ser caracterizado como da cultura da pobreza: a crença numa saída individualista para um problema que, estruturalmente, era social, não individual**. Mas, Lula nessa época, ainda não tinha consciência de que uma resposta mais consciente e efetiva a este problema poderia vir por intermédio da **organização coletiva dos trabalhadores, não da mera competição profissional** e pessoal entre eles. Passar deste grau de compreensão para outro, concebendo a organização coletiva como resposta

aos problemas coletivos, seria, como vimos em Lewis⁷ no capítulo anterior, cruzar os limites da cultura da pobreza.” (PARANÁ, 2002, p.412, grifos nossos).

De modo oportuno, na apresentação do livro de Paraná, Antonio Candido destaca como o livro elucida a formação do Partido dos Trabalhadores, “que a autora vê como sendo, em parte, decorrência da dinâmica de grupos economicamente e socialmente marginalizados, que procuram retificar a sua posição pelo esforço dos seus elementos mais conscientes.” (CANDIDO, 2002, p.14). Que a seu ver, ainda,

esclarece [...] como o dirigente e o partido se construíram como vasto esforço para arrancar os oprimidos da “cultura da pobreza” e, passando pela “cultura da transformação”, aqui encarnada em Lula e sua família, lutar por aquilo que é a essência do socialismo: o esforço para chegar a uma sociedade na qual a distribuição dos bens seja pelo menos tão importante quanto a sua produção. O atual predomínio desta tem levado a privilegiar os interesses financeiros e, assim, a impedir ou a desvirtuar a realização das aspirações de justiça social, que seria o coroamento do processo desencadeado pela “cultura da transformação”. (CANDIDO, 2002,p.17).

Assim, para Denise Paraná, apenas Lula e seu irmão Frei Chico, militante do Partido Comunista Brasileiro e torturado pela ditadura, teriam saído da “cultura da pobreza”.

Entretanto, o que se observa em 2010, no HGPE de Dilma, é um novo e significativo deslocamento no âmbito do próprio discurso da “igualdade de oportunidades”: Lula recupera o seu discurso de como “subiu na vida”, de quando ainda estava imerso, segundo Paraná (2002), na “cultura da pobreza”. Ou seja, atribui à sua capacitação como torneiro mecânico o fato de “ser alguém na vida”. No programa do dia 24 de agosto, Lula diz: “Quando eu recebi o diploma de torneiro mecânico do Senai, eu nunca esqueci aquele dia. Foi uma alegria imensa. É como se eu tivesse provando pra minha mãe e pra mim mesmo que eu podia ser alguém na vida”. Como se verá adiante, tal manobra discursiva pode ser vista como uma estratégia de legitimar a centralidade conferida pelo governo à qualificação, como possibilidade de “subir na vida”.

⁷ A autora se refere aqui ao antropólogo norte-americano Oscar Lewis e sua obra *Os filhos de Sánchez, La vida e Antropologia de la pobreza*. E no que se refere ao conceito de “cultura da pobreza” Paraná (2002, p. 375) esclarece: “Lewis nos diz que o conceito de ‘cultura da pobreza’ não foi criado para conceder à pobreza algum *status* de dignidade, como uma concepção que tenha o intuito de enobrecer essa condição humana de privação. Antes disso, seu objetivo foi tentar identificar um padrão de vida e comportamento que se constitui e vigora através de gerações que pertencem a um determinado grupo social e econômico.” (PARANÁ,2002, p.375)

Interessa-nos ainda salientar como o artigo de Miguel (2006) possibilitou-nos visualizar uma evolução significativa – tanto em nível do enunciado quanto da enunciação – na elaboração do discurso de “igualdade de oportunidades” de 2002 para 2010.

De acordo com Miguel (2006),

a oportunidade se tornou o mantra da campanha; resumido em poucas palavras, o projeto que o partido apresentava para o Brasil era “oportunidade para todos”. Uma das razões da criminalidade, dizia o candidato, era “a falta de oportunidade (programa de 27/8). **Ele também lamentava** que tantos jovens deixavam o campo, rumo à cidade grande, sem “conseguirem uma oportunidade”(programa de 31/8). Por isso, sintetizava Lula, “quero ser o presidente da esperança, da fartura, da justiça e da oportunidade para todo brasileiro” (programa de 31/8). (MIGUEL, 2006, p.47, grifos nossos).

Nessas passagens dos discursos de Lula, chama-nos a atenção o tom de lamento com relação à situação econômica e social do país, bem como a “oportunidade para todos” como uma promessa. Miguel (2006) menciona que uma das peças-chave da campanha, no HGPE, é encenada por um jovem ator, em tom arrebatado que narra a trajetória de um menino pobre:

Eu acabei de entrar pra faculdade. Não foi fácil, mas eu consegui e agora eu tenho uma oportunidade. Nada nunca foi fácil para mim. Eu estudei em escola pública, fui criado pela minha mãe, nunca tive pai, nunca tive nada. **Minha mãe mal sabe ler, mas confia em Deus e em mim e eu vou realizar os seus sonhos, custe o que custar.**

Mas quantos iguais a mim, melhores do que eu, mais inteligentes do que eu, nunca tiveram oportunidades na vida? Estão nas ruas, nas drogas, no crime! Ninguém nasce mau. Ninguém nasce bandido. É tudo uma questão de oportunidade, oportunidade! O jovem da favela também quer ter um tênis novo, uma camisa nova e o direito de sonhar como todo mundo

Este é o país de todos, de todos! Meu nome é João, eu sou brasileiro, amo o meu país!

Viva o Brasil! Viva São Paulo! Viva o Cristo Redentor! Viva a Amazônia! Viva Luís Inácio Lula da Silva! (programa de 24/8; o discurso foi reprisado em 24/9). (MIGUEL, 2006, p.47, grifos nossos).

Em relação a esse fragmento do HGPE, Miguel (2006) tece as seguintes considerações:

[...] o tema da “oportunidade” pode ser entendido como sendo a extensão a todos das condições materiais mínimas para o exercício da cidadania. **O discurso de Lula e do PT na campanha de 2002 seguramente indica essa direção.** Mas, ao colocar a questão em termos de “oportunidades”, o problema da igualdade substantiva fica eliminado e está aberto o espaço para uma visão competitiva das relações sociais. O discurso do rapaz apresenta

como ideal uma situação em que o Estado deve prover as oportunidades – em particular a educação – para que cada pessoa busque no mercado, simbolizado pelo tênis e camisa novos, a sua realização. (MIGUEL, 2006, p.48, grifos nossos).

Naquele momento, como sublinha Miguel (2006), o discurso da “igualdade de oportunidades” era indicativo apenas de uma direção a ser tomada pelo governo Lula que ora se iniciava. Neste artigo, objetiva-se examinar como esse discurso se apresentou oito anos depois. Como se verá mais adiante, algumas diferenças já se fazem notar. Em 2002, é um ator que faz as vezes de um brasileiro que subiu na vida e responde apenas pelo nome de João. Em 2010, no HGPE de Dilma, não se recorre a atores; são os brasileiros que subiram na vida que aparecem com nome, sobrenome e profissão. Em 2002, o consumo almejado era um tênis novo e uma camisa nova, em 2010, os bens de consumo conquistados são casa, eletrodomésticos, carro, computador, moto, etc. Obter uma vaga na universidade era considerado difícil para um jovem de origem pobre. Em 2010, o Prouni. A confiança na possibilidade de mudança é creditada à própria pessoa e a Deus – como diz João no trecho acima: **“Minha mãe mal sabe ler, mas confia em Deus e em mim e eu vou realizar os meus sonhos, custe o que custar”** – ao passo que, em 2010, os “guerreiros” – que dão depoimentos nos programas se mostram gratos ao governo por os auxiliarem na realização de seus sonhos. Como se verá adiante, o discurso é encaminhado no sentido de demonstrar os avanços do governo Lula com relação à defesa da “igualdade dos pontos de partida”, aludida por Bobbio (2000).

3. A fabricação da “nova classe média” – de 2008 a 2010

No dia 5 de maio de 2008⁸, é anunciado no *Jornal Nacional*: “Classe média agora é maioria no Brasil” Tal chamada referia-se ao estudo concluído em início de agosto intitulado “A nova classe média”, coordenado pelo economista Marcelo Neri, da pela Fundação Getúlio Vargas.

⁸ Oportuno mencionar dois outros estudos coordenados por Marcelo Neri. Em 22 de setembro de 2006, a Fundação Getúlio Vargas divulga o estudo “Miséria, Desigualdade e estabilidade: o **Segundo Real**”. Nele é destacado: “No biênio 1993-1995, a proporção de pessoas abaixo da linha da miséria passa de 35,5% para 28,8% da população brasileira. Em 2003, a miséria ainda atingia 28,2% da população quando se inicia um novo período de queda chegando a 22,7% em 2005. Isso compõe uma queda acumulada de 19,8% em 2003 e 2005, magnitude comparável à queda de 18,47% do período de 1993 a 1995” (NERI,2006) Inclusive, o presidente Lula no debate na TV Record no dia 23 de outubro de 2006 tratando do tema da desigualdade menciona os achados de tal estudo. E, em 19 de setembro de 2006, o “Jornal Nacional”, da Rede Globo, anuncia que estudo da Fundação Getúlio Vargas revela que seis milhões de brasileiros saem da linha da miséria em 2006. Tal estudo foi intitulado: “Miséria, desigualdade e políticas de renda: **O Real do Lula**”.

No relatório da pesquisa, Marcelo Neri chama a atenção para a novidade, ineditismo, relevância e impacto – ingredientes esses que balizam os critérios de noticiabilidade – do achado sobre o que estava acontecendo na realidade brasileira naquela década em termos da redução da desigualdade: a emergência de uma nova classe média no Brasil. Ao mesmo tempo, demarca a diferença desta sua leitura – otimista – dos microdados referentes a abril de 2008 da Pesquisa Mensal do Emprego (PME/IBGE) com relação a outras linhas de análises econômicas em curso no Brasil:

Tal como na metáfora do motorista, do retrovisor e do pára-brisa, **se quisermos nos guiar pela realidade brasileira**⁹ é preciso deixar de olhar apenas para os dados defasados e mirar a cena corrente. Mesmo antes de olhar para o futuro, até por que há muita incerteza e nebulosidade em função da crise americana, ora em curso, é preciso antes explorar os dados mais atuais disponíveis deste **admirável mundo novo** que descortina a cada instante. **Informamos aqui o debate social com dados inéditos para 2007 e 2008** que ainda não foram explorados em bases familiares seja no cálculo de índices de pobreza, de bem-estar ou de mobilidade social. Função da continuidade da tendência a melhora nas condições sociais sintetizadas **nas novas reduções da miséria aqui apresentadas em primeira mão, o estudo revela a emergência de uma nova classe média no Brasil.** A ascensão desta nova classe média **é a principal inovação recente nesta década que se confirma aqui como a da redução da desigualdade** e tem sido propulsionada por ela e agora pela volta do crescimento. **o ingrediente fundamental** deste crescimento do bolo com mais fermento para os grupos pobres e agora nos últimos anos para a classe **média é a recuperação do mercado de trabalho, em particular da ocupação.*** (NERI,2008, p.6, grifos nossos).

Cabe aqui dar destaque a essa nota elaborada por Neri ao final da citação: “Neste sentido, aqueles que analisam a evolução recente da média e a desigualdade da renda do trabalho no Brasil somente considerando a renda dos ocupados estão ‘jogando o bebê fora junto com a água de banho’. (NERI, 2008, p.6).

Ocorre-nos aqui se nesta nota, Neri naquela ocasião, não estaria demarcando, implicitamente, a diferença de sua leitura da de Márcio Pochmann, então presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)¹⁰. Este, em seu livro “Nova classe

⁹ É importante ressaltar que não se coloca em questão, no âmbito deste artigo, a realidade do fenômeno muito menos a importância dos projetos sociais do governo Lula. A intenção é tratar dos modos diferenciados de leitura do mesmo, em especial, dos sentidos construídos no HGPE de Dilma Rousseff sobre ele.

¹⁰ E, no dia 27 de agosto de 2012, tomou posse como novo presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em substituição a Márcio Pochmann, que deixou o instituto para concorrer à prefeitura de Campinas. Na coluna “A semana” da revista *Carta Capital* intitulada “Eles voltaram é o que parece”, publicada no dia 5 de setembro de 2012, é informado que: “[...] Os petistas gostam de Neri por causa de seus estudos na área social. O economista foi um dos primeiros a captar a redução da desigualdade e os

média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira”, publicado em 2012, sublinha a redução sensível da taxa de pobreza no país, mas defende a impropriedade da ideia de uma “nova classe média”¹¹:

Em geral, observa-se que o maior saldo líquido das ocupações abertas na década de 2000 concentrou-se naquelas de salário base, ou seja, ao redor do salário mínimo nacional. Dos 2,1 milhões de vagas abertas anualmente, em média 2 milhões encontram-se na faixa de até 1,5 salário mínimo mensal.

Diante da combinação da recuperação do valor real do salário mínimo nacional com a ampliação das políticas de transferências sociais, nota-se que a recente expansão de vagas de salário de base tem permitido absorver enormes parcelas dos trabalhadores na base da pirâmide social, o que favorece a redução sensível da taxa de pobreza em todo país. **Ainda que isso se mostre insuficiente para alterar o segmento intermediário da atual estratificação social, conclui-se que está em curso uma crescente polarização entre os dois extremos com forte crescimento relativo: os trabalhadores na base da pirâmide social e os detentores de renda derivada da propriedade.** (POCHMANN, 2012, p.22, grifos nossos).

[...] Com isso, uma parcela considerável da força de trabalho conseguiu superar a condição de pobreza, transitando para o nível inferior da estrutura ocupacional de baixa remuneração; embora não seja mais pobre, tampouco pode ser considerada de classe média. Esta por sinal, praticamente não sofreu alteração considerável, pois se manteve estacionada na faixa de um terço dos brasileiros, ao passo que os trabalhadores de salário de base aumentaram sua participação relativa de menos de 27%, em 1995, para 46,3%, em 2009. Na condição de pobreza, a queda foi significativa: de 37,2% para 7,2% no mesmo período. (POCHMANN, 2012, p.20-21).

Como era previsível – dado seu atendimento aos critérios de noticiabilidade, conforme comentado anteriormente – é grande a repercussão do estudo de Marcelo Neri na esfera de visibilidade midiática, sobretudo no âmbito da cobertura jornalística. Em levantamento realizado pela autora no site da Fundação Getúlio Vargas na seção “Impacto de mídia”¹² relacionada ao estudo em questão, foram obtidos os dados apresentados a seguir. Nos telejornais, foram veiculadas 34 matérias no período de 4 a 28 de agosto de 2008; no rádio, foram veiculadas 25 matérias no período de 1 a 13 de agosto de 2008; em jornais e revistas, foram publicadas 208 matérias no período de 3 de agosto a 1º de setembro e, na internet, 404 matérias no período de 4 a 31 de agosto de 2008.

ganhos de renda que ajudaram a construir a tese do nascimento de uma “nova classe média”, um trunfo eleitoral do partido”. (ELES VOLTARAM... 2012,p.21).

¹¹ Na contracapa de seu livro, Pochmann é bem taxativo: “Em síntese: não se trata da emergência de uma nova classe – muito menos de uma classe média. O que há, de fato, é uma orientação alienante sem fim, orquestrada para o seqüestro do debate sobre a natureza e a dinâmica das mudanças econômicas e sociais, incapaz de permitir a politização classista do fenômeno de transformação da estrutura social e sua comparação com outros períodos dinâmicos do Brasil”.

¹² Cabe assinalar a riqueza do material disponibilizado pela FGV; para cada uma dessas matérias publicadas em TV, rádio, jornais e revistas e internet é disponibilizado um *link* para acesso ao material.

Além dessa repercussão, cabe informar que Marcelo Neri tem colunas fixas nos jornais Valor Econômico, Conjuntura Econômica e Folha de S. Paulo.

Entre as matérias publicadas nos meses de agosto e setembro de 2008, duas particularmente chamaram-nos a atenção. No dia 29 de agosto de 2008, é anunciado no informativo “Semana FGV” que: “o professor da FGV Marcelo Neri apresentou a Pesquisa “A Nova Classe Média” na reunião ampliada do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES), realizada dia 28 de agosto, no Palácio do Planalto”. E, na revista Veja, do dia 10 de setembro de 2008, foi publicada a seguinte declaração da então Ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff: “O governo do presidente Lula começou a construir o futuro com uma política econômica que preza a inclusão social e com a criação de uma nova classe média”. Assim, a questão da pobreza e da desigualdade é alçada ao primeiro plano da política.

Em 2011, Marcelo Neri, publica “A nova classe média. O lado brilhante da base da pirâmide”¹³. No dia 26 de abril de 2012, em evento de comemoração aos 1 milhão e meio de beneficiados pelo Plano Brasil sem Miséria, no Rio de Janeiro, Dilma diz:

Sugiro a leitura do livro do Marcelo Neri, “A Nova Classe Média”, que é um dos estudos mais benfeitos sobre esse processo. Queria cumprimentá-lo (Marcelo Neri) e agradecer. Ele pode ter certeza de que nos inspira a melhorar nossos programas. É por várias constatações, por estudos da área dele, que nós vamos melhorando os nossos programas, então ele é um grande colaborador nosso. [...] Eu acho que ele é um dos brasileiros que têm ajudado o Brasil a combater a pobreza e a Miséria.(DILMA, 2012)¹⁴.

Essa adesão do governo à leitura feita por Neri faz com que, além da profusão de matérias na mídia, presencie-se também um profícuo debate entre cientistas sociais e cientistas políticos e economistas. Nesse sentido, destacam-se alguns estudiosos e suas obras: Amaury Souza e Bolívar Lamounier, “A Classe Média brasileira: ambições,

¹³ No livro, há o seguinte comentário de Lula: “A Nova Classe Média: o lado brilhante da base da pirâmide”, de Marcelo Neri, é uma leitura indispensável para entender as profundas mudanças sociais ocorridas no Brasil nos últimos anos. O livro de Neri mostra que os grupos que conquistaram o maior aumento de renda a partir de 2003 foram exatamente os que antes foram mais marginalizados: as mulheres, os negros, os analfabetos e os nordestinos. Além de revelar o que mudou na vida das pessoas, com a ascensão de milhões para a classe média, Neri revela, por meio do Índice de Felicidade Futura, que o povo brasileiro é o que mais acredita num futuro brilhante. - Luiz Inácio Lula da Silva – Presidente do Brasil – 2003 a 2010”.

¹⁴ Disponível no Youtube e no endereço: http://www.fgv.br/cps/bd/clippings/dilma_ncml.wmv. Acesso em: 4/06/2012.

valores e projetos de sociedade – Entenda as consequências sociais e políticas do aumento do padrão de vida dos brasileiros” (2010); Jessé Souza, “Os batalhadores brasileiros. Nova classe média ou nova classe trabalhadora? (2010); Rudá Ricci, “Lulismo: Da era dos movimentos sociais à ascensão da nova classe média brasileira” (2010); Francisco Oliveira, Ruy Braga e Cibele Rizek (Organizadores), “Hegemonia às avessas: economia, política e cultura na era da servidão financeira” (2010); Márcio Pochmann, Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira” (2012) e, por fim, a obra de André Singer, “Os sentidos do lulismo” (2012). De modo oportuno, Márcio Pochmann salienta que as distintas posições com relação à emergência de uma nova classe média “talvez não seja bem um mero equívoco conceitual, mas expressão da disputa que se instala em torno da concepção e condução das políticas públicas atuais.”(POCHMANN, 2012, p.11).

É interessante mencionar como Antonio Lavareda em seu livro “Emoções ocultas e estratégias eleitorais” (2009) dá conta dos desafios que os achados da pesquisa de 2008, da Fundação Getúlio Vargas, representariam para os estrategistas das campanhas de 2010:

Essas mudanças na composição das classes sociais, com alterações visíveis na renda e na educação da população, necessitam ser meticulosamente levadas em conta, nos contextos específicos, ao serem elaboradas as estratégias das próximas campanhas, considerando-se que esse novo tecido das classes sociais se materializou de forma heterogênea no conjunto do país. (LAVAREDA, 2009, p.91).

Dada a natureza de uma campanha presidencial, tal observação torna-se bem procedente. Em seu relatório de pesquisa, Marcelo Neri informa que:

A pesquisa define, quantifica e começa a detalhar o protagonismo econômico desta nova classe média nas principais cidades brasileiras, a verdadeira caixa de percussão dos eventos nacionais. A ênfase será na renda domiciliar do trabalho nas seis principais metrópoles brasileiras. (NERI, 2008, p.6).

Lavareda ainda adverte:

Essa preocupação faz sentido. Um estudo publicado em fevereiro de 2009 pelo Instituto Pew Research¹⁵, com dados de 13 países de diversas regiões do globo, incluindo o Brasil, mostrou que, nas nações em desenvolvimento, as pessoas tendiam a adotar opiniões diferentes sobre democracia e a questões

¹⁵ O estudo mencionado pelo autor é: The globe’s merging middle classes. *Pew Research Center*, 12 de fevereiro de 2009.

sociais uma vez que atingiam um padrão de riqueza correspondente ao das “classes médias”. E que esses novos valores ficavam mais parecidos com os abraçados pelo público das nações mais desenvolvidas. (LAVAREDA, 2009, p.91).

Em 2010, um novo estudo coordenado por Marcelo Neri foi publicado “A nova classe média. O lado brilhante dos pobres”. Nele é confirmada a relevância da “nova classe média” em termos eleitorais:

Os 94,9 milhões de brasileiros que estão na nova classe média correspondem a 50,5% da população. Isto significa que a nova classe média brasileira não só inclui o eleitor mediano tido como aquele que decide o segundo turno de uma eleição, mas como que **ela sozinha poderia sozinha decidir um pleito eleitoral**. Complementarmente, esta também é a classe dominante do ponto de vista econômico, pois concentra mais de 46,245 do poder de compra dos brasileiros em 2009(era 45,66% em 2008) superando as classes AB, estas com 44,12% do total de poder de compra”. (NERI, 2010, p.14, grifos nossos)

3.1 Surgimento da “nova classe média”: narrativa midiática oficial

No terceiro programa do HGPE de Dilma Rousseff, veiculado no dia 21 de agosto de 2010, é apresentada a versão oficial sobre o surgimento da “nova classe média”, como resultado da opção pelos mais pobres:

Locutor: Antes do Lula parece que a economia ia para um lado e o povo para outro. Quando se encontravam, o povo era quase sempre atropelado. Com Lula e Dilma, tudo mudou. O social e o econômico viraram face de uma mesma moeda.

Locutora: E o Brasil aprendeu a crescer com inclusão social e distribuição de renda. Com Lula e Dilma, cada avanço social significa um avanço econômico e cada avanço econômico significa um avanço social. Veja alguns exemplos de como foi, de como está sendo e como será.

Dilma: Neste governo nós articulamos vários programas e, assim, reduzimos a pobreza, garantimos mais saúde e educação para as famílias. Aumentamos a produção e o consumo e geramos milhões de empregos. É essa a grande transformação que está movendo o novo Brasil.

Locutora: Uma fábrica em São Paulo, uma colônia de pescadores de General Sampaio do interior do Ceará. Como vem acontecendo em todo o Brasil, essas realidades, antes distantes, começaram a se aproximar quando Lula articulou programas como o Bolsa Família, o Luz para Todos, e o Saúde da Família. E não parou aí. As crianças ganharam transporte da zona rural até a escola. A escola ganhou computação e merenda farta. **E os adultos, financiamento agrícola que gerou emprego e renda.**

Filomeno de Araújo Neto (Presidente da Associação dos Piscicultores.Colônia de Pescadores de General Sampaio, Ceará): **Antes a oportunidade era quase zero. Hoje todo mundo trabalha, tem o salariozinho fixo por mês.**

Locutor: Essas ações articuladas mudaram a vida em General Sampaio e em milhares de cidades no Brasil.

Francisco Pinho (comerciante): Pessoas que, às vezes, deixavam para comprar só o necessário, feijão, arroz, hoje não, já passam a comprar o biscoito, a bolacha cream craker.

Lula: A gente sabia, desde o início, que ajudando os mais pobres, a gente ia mexer de forma muito positiva com toda a sociedade. E ia mover toda a economia. Ou seja, pra mudar rapidamente o Brasil era preciso começar pela base.

Locutora: o que o presidente diz, Honório Pinheiro, atacadista de Fortaleza, confirma:

Honório Pinheiro: Há um mudança de consumo nos mercados das classes C, D e E, que antes não consumiam produtos como iogurtes, higiene pessoal e agora eles passaram a consumir.

Locutora: Hoje, graças a esse aumento de consumo, fábricas de todo o país, como esta de São Paulo, aumentaram a produção e passaram a gerar mais empregos.

Paulino Trifapepe Neto (diretor da fábrica de biscoitos Dunga): Estamos instalando equipamentos novos. Então, nós temos uma grande expectativa de aumento de consumo e, em termos de biscoitos, a maior concentração de consumo é no Nordeste.

Locutor em off com pictogramas: Como Lula e Dilma, os programas funcionam de forma articulada. O Bolsa Família transferiu renda aos mais pobres. O mínimo teve reajustes bem acima da inflação. Os salários aumentaram. A luz elétrica chegou a todo o campo. E programas como o PAC criaram milhares de empregos. A renda do povo subiu [ilustração motoqueiro]. O governo tirou impostos de vários produtos [ilustração geladeira]. **E a economia cresceu (ilustrações de trator, carro, moto, geladeira) gerando mais empregos, mais renda e mais consumo. Foi assim que 31 milhões de brasileiros entraram para a classe média. 24 milhões saíram da linha de pobreza. E 14 milhões conquistaram um emprego [ilustração da Carteira de Trabalho e Previdência Social].** Hoje, desenvolvimento econômico e social andam lado a lado, mudando a vida dos brasileiros. (HGPE 21/08, grifos nossos).

Observa-se, nesse discurso, uma proposta de inclusão pelo consumo. Nesse sentido, é bem ilustrativo um discurso proferido por Lula, em 12 de março de 2008, por ocasião da assinatura do Pacto Federativo do programa Territórios da Cidadania¹⁶. Ocorre-nos que essa narrativa do HGPE de Dilma poderia ser vista como uma produção televisiva da seguinte fala de Lula:

[...] Nós governamos para todos, mas a parte mais pobre tem que ter a nossa preferência para que ela deixe de ser pobre. Quando ela deixar de ser pobre, ela vai ser consumidora. Quando ela virar consumidora, ela vai comprar, a empresa vai produzir, o mercado vai vender, vai ter mais um emprego, mais um salário, mais um consumidor. (LULA *apud* KAMEL, 2009, p.546).

¹⁶ O governo o apresenta como tendo sido “concebido para promover o desenvolvimento regional e a garantia de direitos sociais para as regiões mais carentes do Brasil, o Territórios da Cidadania é um marco nas políticas públicas brasileiras para o enfrentamento das desigualdades sociais. Um dos pilares do programa consiste na convergência de ação entre diversos ministérios”.

Oportuno ainda observar como aos locutores parece ter sido atribuída a função estratégica de buscar universalizar o discurso de modo a não restringi-lo a contextos específicos. Também chamou-nos a atenção a profusão de imagens que pontuam tal discurso, “a imagem (e não o conteúdo, o discurso argumentativo das promessas e projetos) é o elemento posto em primeiro plano, o que acarreta o primado da midiaticização [...] na condução do processo político.” (SODRÉ, 2006, p.165).

Por fim, cabe apresentar o depoimento do casal Leonídio Carvalho (pedreiro) e Sandra Carvalho (diarista), que ilustra bem a presença de uma visão de que o trabalho leva à aquisição de bens materiais e ao sucesso. O casal relata como “subiram bastante na vida”, a partir de 2004, e revela a sua crença de que com esforço podem conseguir tudo de que precisam:

Leonídio: Eu saí da Bahia com 16 anos e vim para São Paulo [cena de uma favela] sonhando em ter as coisas porque lá não tinha. Ralei, ralei a vida todinha e não consegui nada não.

Sandra: Eu trabalhava em firma, trabalhava em confecção e aí caiu o serviço, aí fui mandada embora, aí eu fiquei nessa vida de diarista direto.

Leonídio: Mulher trabalhando de diarista e me dando comida. Eu fiquei em casa um tempão porque a mulher que segurou muito tempo, a filha pequena. De uns seis anos pra cá o negócio melhorou. Comecei a construir com o saco de cimento era uns R\$ 25. Com o presidente Lula eu cheguei a pagar R\$ 9. E o emprego estava aí na minha porta me procurando. Os caras me procuravam todo dia para trabalhar. Eu tinha como construir, como melhorar a situação. E de lá pra cá eu não parei mais, só crescendo graças a Deus, só crescendo e o serviço sobrando. Agora eu não estou dando conta mais. A pessoa constrói, o pessoal constrói, tá aí subindo [diz olhando para um bairro no qual várias casas estão sendo construídas].

Sandra: **Você não podia sonhar alto assim porque não dava. Hoje todo mundo faz prestação. Tudo que eu sonho, mesmo se não der pra comprar à vista, eu compro, eu parcelo.**

Leonídio: Nós temos geladeira, nós temos fogão novo, nós temos microondas, nós temos móveis novos.[aparece o exterior da casa ainda sem acabamento]. Eu tenho um carro razoável, não é um carro de primeira[cena de seu Gol], mas é um carro completinho que trabalha todo dia e **não me faz vergonha**. A minha filha tem computador, notebook. **Para uma pessoa que não tinha nada, já tem luxo, né? Do Lula pra cá melhorou muito pra mim, muito, muito, subi bastante. Eu quero que siga igual está aí. Eu vou trabalhar todo dia com saúde. Eu e minha mulher que nós consegue tudo que nós precisamos.**” (sic). (HGPE 31/08, grifos nossos).

Nesse depoimento, chama-nos a atenção o fato de Leonídio mencionar que seu carro não lhe faz vergonha e que, agora, já tem luxo, ou seja, como bem sugere Néstor Canclini (1995, p.66), o consumo, nesse caso, para além da posse de bens materiais, deve ser visto como “distinção com outros, como [posse] de bens que proporcionam satisfações biológicas e simbólicas, que servem para enviar e receber mensagens”.

Consideram-se também muito significativas as falas de Leonídio e Sandra. Maciel (2006) menciona que “trabalhando na pesquisa ‘A construção social da subcidadania”, coordenada pelo professor Jessé Souza [...] pude observar a crença generalizada na ideologia do mérito capitalista. [...] [os] perfis mais desprestigiados são exatamente aqueles que apresentam os maiores índices de crença na competência individual para o alcance de sucesso na vida”. Nesse sentido, ocorre-nos se, para Leonídio e Sandra, o consumo não seria uma forma de obtenção de respeito. Referindo-se ao conceito de “respeito atitudinal” de Taylor, o autor complementa: “sendo assim, considerando a centralidade do trabalho em nossa vida, aqueles que não possuem uma profissão intersubjetivamente classificada como digna carecem de tal respeito, que é fundamental para a auto-estima e segurança ontológica”. (MACIEL, 2006, p.304).

4. Oportunidades de inclusão produtiva: qualificação e microcrédito

“Eu brinco com meus meninos que meu nome é trabalho,
sobrenome hora extra, codinome produção”
Lusivaldo da Costa – Encarregado da Construção Civil¹⁷

No estudo de Neri (2008), a Carteira de Trabalho assinada é apresentada como símbolo da nova classe média:

A volta da carteira de trabalho talvez seja o elemento mais representativo de ressurgimento da centralidade da classe média brasileira. Muito se tem falado desta década em termos de redução de desigualdade (desde 2001) e de pobreza (desde 2004), ênfase foi dada ao papel das transferências de renda oficiais aos mais pobres, mas poucos aos avanços estruturais decorrentes da expansão trabalhista observada em todos os segmentos da sociedade. Desde o final de 2006 até agora acontece aumento da renda do trabalho em geral e da geração de empregos formais em particular. Isto é, desde o último retrato estatístico do Brasil pintado com as tintas da PNAD 2006, **o que se destaca agora é a geração de renda do trabalho.** A presente pesquisa mostra a partir de dados mais atuais a continuidade com sinais de aceleração em alguns casos do expressivo movimento de redução da desigualdade e da miséria brasileira até o momento. Depois de duas décadas perdidas de avanços de renda e do trabalho, a combinação de crescimento mais acelerado com marcada redução de desigualdade por um período mais longo é notável, esta é uma estória cujos novos capítulos valem a pena se contatos antes que o livro acabe, dado o seu ineditismo na História estatisticamente documentada brasileira. (NERI, 2008, p.7-8, grifos nossos).

¹⁷ Esse impressionante comentário foi feito por Lusivaldo no programa Globo Repórter exibido no dia 31 de agosto de 2012, que tratou do tema do trabalho e a “nova classe média”.

O trabalho e os negócios são apresentados como a possibilidade de ascensão social. Neri (2008) recorre a Thomas Friedman apresentado por ele como colunista internacional do New York Times e a seu best-seller “O Mundo é Plano: uma breve história do século XXI”, publicado em 2005, para apresentar sua definição do que venha ser classe média. Friedman, diz ele:

define classe média como aquela que tem um plano bem definido de ascensão social para o futuro. Esta fábrica de realização de sonhos individuais é motor fundamental para a conquista da riqueza das nações. O combustível é o anseio de subir na vida já o lubrificante seria o ambiente de trabalho e negócios. (NERI, 2008, p. 6).

No HGPE de Dilma, do dia 2 de setembro, no quadro “Brasil dos Recordes”, um locutor anuncia em *off*: “Só este ano, o governo Lula já gerou mais de 1 milhão e seiscentos mil empregos. Se continuar neste ritmo, 2010 vai ser o ano em que o país mais gerou empregos na história”. Entretanto, para além desse número, chamou-nos a atenção o modo como as pessoas que conseguiram emprego com carteira assinada foram representadas. (Fig. 1). Em uma tela dividida em quatro, são exibidos pictogramas, representando uma mulher, um agricultor, um empregado do setor de serviços e um empregado da construção civil, por exemplo. Todos sorridentes fazendo gestos de vitória, premiados com medalhas de ouro, ao som da famosa vinheta Brasil-sil-sil¹⁸, ou seja, apresentados como campeões de uma grande competição. De modo interessante, o dicionário Houaiss¹⁹ atribui ao termo “campeão”, em sentido figurado, o seguinte significado: “aquele que se destaca por fazer algo de maneira melhor **ou em quantidade maior que os demais**”²⁰. Das quatro representações, apenas no pictograma do agricultor não aparece a Carteira de Trabalho, o que nos sugere a centralidade conferida à geração de empregos com carteira assinada, mas também a valorização do empreendedorismo, no caso, simbolizado pelo pictograma simbolizando os empreendedores rurais – beneficiados com o microcrédito – que também tiveram destaque no HGPE.

¹⁸ “A famosa vinheta “Brasil-Sil-Sil!”, interpretada por Edmo Zarife, e que marca as transmissões esportivas do Sistema Globo de Rádio e da Rede Globo de Televisão começou a nascer em 1968. O diretor-geral da rádio na época, Mário Luiz, e o narrador esportivo Waldir Amaral procuravam dar uma dinâmica maior às transmissões de futebol por meio de uma estética mais alegre e um ‘toque de show’. Informação extraída do Wikipédia. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Edmo_Zarife.

¹⁹ Foi consultada a versão eletrônica disponível no *site* do UOL.

²⁰ Embora no HGPE não tenha sido tratada, explicitamente, a extensa jornada de trabalho dos “guerreiros” Souza (2010) ressalta as jornadas de até 14 horas e a “ética do sacrifício” – em substituição a “ética do trabalho”, que caracteriza os batalhadores. Esta questão será retomada adiante.



Figura 1 – HGPE 02/09/2010: quadro “Brasil dos Recordes”

Souza (2003), em seu instigante artigo intitulado “(Não) reconhecimento e subcidadania ou o que é “ser gente”?, auxiliou-nos na melhor compreensão do discurso da “igualdade de oportunidades de inclusão produtiva” e do que viria ser “Gente Guerreira” no âmbito do discurso político eleitoral de Dilma Rousseff de 2010. Nesse texto, o autor propõe a adoção da noção de Reinhardt Kreckel²¹ de “ideologia do desempenho” de modo a dar maior concretude à noção de “habitus primário” de Pierre Bourdieu. E, para tanto, esclarece que parte

da pressuposição de que a noção de Kreckel de “ideologia do desempenho” permite pensar a dimensão sociológica da produção de distinção social a partir da força objetiva da ideia de dignidade do agente racional como proposta por Taylor. Afinal as pessoas não são aquinhoadas equitativamente com o mesmo reconhecimento social por sua “dignidade de agente racional”. Essa dimensão não é tão “rasa” como a simples dimensão política dos direitos subjetivos universalizáveis e intercambiáveis sugere. A dimensão jurídica da proteção legal é apenas uma das dimensões – apenas uma das dimensões – apesar de importantíssima – desse processo de reconhecimento. Se é o trabalho útil, produtivo e disciplina do que parece estar por trás da “avaliação objetiva do valor relativo” de cada qual nessa dimensão, então o potencial encobridor de desigualdades por trás da noção de “dignidade” do agente racional, deve se manifestar mais facilmente nessa dimensão”. (SOUZA, 2003, p.64-65).

²¹ KRECKEL, Reinhardt. *Politische Soziologie der sozialen Ungleichheit*. Frankfurt; Campus, 1992, p. 67-106.

E, esclarece Souza que

Kreckel chama de “ideologia do desempenho” a tentativa de elaborar um princípio único, para além da mera propriedade econômica, a partir do qual se constitui a mais importante forma de legitimação da desigualdade no mundo contemporâneo. A ideia subjacente a esse argumento é que teria que haver um “pano de fundo consensual” (*Hintergrundkonsens*), acerca do valor diferencial dos seres humanos, de tal modo que possa existir uma efetiva – ainda que subliminarmente produzida – legitimação da desigualdade. Sem isso, o caráter violento e injusto da desigualdade social se manifestaria de forma clara e a olho nu. (SOUZA, 2003, p.65).

O autor ainda elucida que, para Kreckel, a “ideologia do desempenho” se baseia na “tríade meritocrática”: qualificação, posição e salário. E que desses

a qualificação, refletindo a extraordinária importância do conhecimento com o desenvolvimento do capitalismo, é o primeiro e mais importante ponto que condiciona os outros dois. A ideologia do desempenho é uma “ideologia” na medida em que ela não apenas estimula e premia a capacidade de desempenho objetiva, mas legitima o acesso diferencial permanente a chances de vida e apropriação de bens escassos. Apenas a combinação da tríade da ideologia do desempenho faz do indivíduo um “sinalizador” completo e efetivo do “cidadão completo (*Vollbürger*). **A tríade torna também compreensível por que apenas através da categoria “trabalho” é possível se assegurar de identidade, auto-estima e reconhecimento social.** Nesse sentido, **o desempenho diferencial no trabalho tem que se referir a um indivíduo e só pode ser conquistado por ele próprio.** Apenas quando essas pré-condições estão dadas pode o indivíduo obter sua identidade pessoal e social de forma completa. (SOUZA, 2003, p.65, grifos nossos).

No HGPE de Dilma Rousseff, foi possível visualizar a centralidade conferida pelo governo à qualificação. Em 2008, foi criado pelo governo federal – por meio dos ministérios do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, do Trabalho e Emprego e do Turismo, em conjunto com os governos estaduais e municipais, empresários e trabalhadores – o Plano Setorial de Qualificação Profissional (Planseq), direcionado aos beneficiários do Bolsa Família, que recebeu, sugestivamente, o nome fantasia de “Próximo Passo” – ou seja, passo seguinte que os beneficiários do Bolsa Família deveriam dar. O programa do dia 26 de agosto confere centralidade ao programa Bolsa Família e ao plano Próximo Passo. O quadro “Brasil dos Recordes” deste dia é reservado ao sucesso do Bolsa Família:

Locutor: Criado em 2004, o Bolsa família é hoje o maior programa de transferência de renda do mundo. Ele beneficia 12,5 milhões de famílias e seu

modelo foi adotado em 18 países. Por isso, Dilma vai cada vez mais fortalecer o Bolsa Família. Com ele, nos tornamos o líder mundial no combate à fome e à desnutrição. É o Brasil batendo mais um recorde.

De modo muito interessante, neste dia observa-se claramente a intenção de mostrar que o sucesso maior do Bolsa Família residia no fato de que, com o Próximo Passo, com a qualificação, as pessoas estavam devolvendo o benefício do governo:

Locutora: Que o Bolsa família é o primeiro passo para uma vida melhor, isso não há nenhuma dúvida.

Locutor: A prova disso é que **mais de dois milhões de famílias já se desligaram do programa porque conseguiram aumentar sua renda.** Com E com o programa Próximo Passo muita gente está seguindo o mesmo caminho. (HGPE 26/08, grifos nossos)

Nesse sentido, é apresentado um relato muito significativo de Luana Paranhos sobre sua percepção desse programa:

Locutora em off [imagem de Luana se deslocando de uma favela onde mora]: Criado por Lula, o programa Próximo Passo oferece cursos de capacitação para beneficiários do Bolsa Família. **Eles aprendem uma profissão e passam a caminhar sem ajuda do governo.**

Luana Paranhos: Fiquei três anos e meio recebendo o Bolsa Família, que me ajudou muito. E eu fiquei sabendo do curso através do próprio Bolsa família. Quando a gente vai na lotérica e saca, no papelzinho do canhoto sempre estava aparecendo onde fazer o curso, como entrar em contato e eu fiquei sabendo que perto da minha casa iria iniciar um curso de elétrica, pedreiro e eu me interessei (sic).

Locutora: Luana foi aluna do Próximo Passo. Hoje, ela também caminha sem a ajuda do Bolsa Família.

Luana: [com macacão e capacete]: **Está totalmente diferente a minha vida.** Estou me esforçando agora nesses 24 anos [de mãos dadas caminhando em seu bairro de mãos dadas com duas crianças menores] para quando eu tiver com uns 34 e eu tiver mais folgada e ter mais tempo para os meus filhos e dar uma condição melhor, né? Prá mim e prá eles também. O importante é que eu estou conseguindo guardar dinheiro para logo, logo, fazer outro curso. (HGPE, 26/08, grifos nossos).

Interessa-nos destacar nessa narrativa de Luana Paranhos seu depoimento sobre a importância do Bolsa Família em sua vida e como, por meio dele, teve acesso ao programa de capacitação do governo e a uma vaga de emprego. Cabe salientar a centralidade conferida por ela à capacitação e sua clareza sobre a importância e a necessidade de poupar dinheiro – como salienta Souza (2010, p.50): “sua extraordinária capacidade de poupança e de resistência ao consumo imediato” – para investir em mais qualificação para, num prazo de dez anos, poder trabalhar menos e poder dedicar-se mais

a seus filhos – “ter tempo”²² – e alcançar melhores condições de vida para eles e para si própria. Assim, considera-se que ela – gente guerreira – ilustra tanto o conceito de “classe média” apresentado por Neri (2008, p.6) com base em Thomas Friedman, no sentido de que ela apresenta “um plano bem definido de ascensão social para o futuro” quanto a noção de “ideologia do desempenho”: para ela a capacitação se apresenta como única possibilidade. Ainda, nesse trecho, cabe sublinhar a reiteração, pela locutora, da informação de que o programa “Próximo Passo” faz com que os beneficiários do Bolsa Família aprendam uma profissão e devolvam o benefício e “pass[em]a caminhar sem ajuda do governo”.

No HGPE do dia 14 de setembro o argumento da necessidade de capacitação é retomado – de modo interessante, em determinado momento, é exibida uma imagem de Luana Paranhos intercalando a fala do locutor – e enriquecido com o relato de Airton Rabelo, pedreiro:

Locutor: Dilma também vai expandir os programas de capacitação profissional. Em especial, o programa **Próximo Passo que ensina uma profissão a beneficiários do Bolsa Família e tem mudado a vida de muita gente.**

[cena com imagem de Luana Paranhos]

Locutor: Um dia, Airton Rabelo, mineiro de Contagem, precisou recorrer ao Bolsa Família .

Airton Rabelo: Eu me emociono quando eu falo [cena do interior da cozinha de sua casa, ainda sem reboco nas paredes, com geladeira e sob a pia um pano amarrado no lugar de armários] – porque, às vezes, eu queria pegar dinheiro emprestado pra comprar arroz e feijão. Aí, no **Bolsa Família**, eu pude ver que eu tenho alguém que me ama [cena da esposa penteando o cabelo do filho] que é o meu país. **E é um direito que eu tenho para alavancar a minha vida.**

Locutor: Depois, **Airton fez o curso do Próximo Passo** [imagem de Airton, de macacão e capacete, construindo uma casa], **tornou-se pedreiro, abriu mão do Bolsa família e construiu uma nova vida.**

Airton Rabelo: Hoje, eu toco obras, tenho o meu carrinho, adquiri dois lotes no município de Joatuba. Eu gostaria que continuasse isso porque eu tenho uma menina fazendo Direito, advogada, e porque eu ganhei a bolsa de estudo dela. Por que eu ganhei a bolsa de estudo? Eu procurei saber. O Brasil investe em nós, o Brasil é o Brasil. **Hoje, tenho uma filha fazendo Direito. Quer dizer, eu vou ter uma história bonita para contar para os meus netos um dia. Não aquele sofrimento que meus avós contavam.**

²² De modo oportuno, Jessé Souza sublinha: A vida dos “batalhadores” é completamente outra. Ela é marcada pela ausência dos privilégios de nascimento que caracterizam as classes médias e altas. E, quando se fala de “privilégios de nascimento”, não se está falando apenas do dinheiro transmitido por herança de sangue nas classes altas. Esses privilégios envolvem também o recurso mais valioso das classes médias, que é o tempo. Afinal, é necessário muito tempo livre para incorporar qualquer forma de conhecimento técnico, científico ou filosófico-literário valioso. Os batalhadores, em sua maioria, precisam começar a trabalhar cedo e estudam em escolas públicas muitas vezes de baixa qualidade.”. (JESSÉ *apud* UIRÁ, 2011).

Locutor: Airton sabe: com Dilma, o Brasil vai continuar sendo um país mais justo.

Airton Rabelo: Eu passo por luta, mas tranquilo e rindo porque eu sei que o amanhã é melhor. [cena de Airton em um quarto de sua casa ao lado da esposa e de seus quatro filhos] A Dilma, pra mim, é a cara do Brasil. Ela vai alavancar o Brasil igual o Lula está fazendo. (HGPE 14/09, grifos nossos).

É muito interessante observar nessa fala de Airton Rabelo como ele percebe o Bolsa Família como sinal de amor – como se verá adiante, Dilma adota o termo “respeito” – por parte do governo com os mais pobres, mas também como um direito social (e não como uma esmola). Mendonça (2011, p.68) lembra que, segundo Hegel, os direitos é um dos domínios no qual o reconhecimento se constrói: “Os *direitos*, por sua vez, garantiriam uma universalização da dignidade, fomentando o *autorrespeito*, na medida em que possibilitam aos sujeitos ver-se como dignos do mesmo respeito que os demais”.

Também chamou-nos a atenção, particularmente na fala de Airton, o seguinte trecho: “Eu passo por luta, mas tranquilo e rindo porque eu sei que o amanhã é melhor (sic)”. E pode-se dizer que, para ele, o futuro seria melhor porque “Hoje tenho uma filha fazendo Direito. Quer dizer, eu vou ter uma história bonita para contar para os meus netos um dia. **Não aquele sofrimento que meus avós contavam**”. A menção feita por Airton à experiência de sofrimento de seus avós, à sua luta e sua expectativa de um futuro melhor lembrou-nos da análise elaborada, com propriedade, por Jessé Souza sobre o que ele denominou de “capital familiar”, consubstanciada “na transmissão efetiva de uma ‘ética do trabalho’.”(SOUZA, 2010, p.51). De acordo com o autor:

A projeção de um futuro melhor para os filhos notada na nova classe trabalhadora brasileira é algo próximo ao que Bourdieu percebeu em relação à pequena burguesia francesa em suas pesquisas apresentadas em *A distinção*. Ao observar que, em sua existência, o indivíduo não poderá ir além de determinado status na hierarquia social, ele faz o possível para projetar ao máximo seus filhos no sentido da ascensão social desejada. A ideia que talvez possa sintetizar esse ponto é a seguinte; “Com muito trabalho e o pouco estudo que tive eu pude chegar até aqui, se meu filho estudar e for trabalhador como eu, ele poderá ir mais longe”. (SOUZA, 2010, p.104).

De modo muito pertinente, Souza (2010) dá prosseguimento a essa sua reflexão retomando o ponto que perpassa todo seu livro:

Que parte significativa do aprendizado utilizado no trabalho pelos batalhadores advém da experiência prática que eles têm ao longo de sua vida,

tendo início nos valores elementares que incorporam na família, geralmente estruturada (se comparada com a família da “ralé”), na qual vêm ao mundo e são criados. [...] Por meio de pensamentos, sentimentos e ações que são decorrentes das disposições [autocontrole, disciplina e comportamento e pensamento prospectivo]²³ que ele incorporou ao longo de sua trajetória de vida. (SOUZA, 2010, p.104).

E, na visão do autor, é esse “capital familiar” que faz com que os batalhadores sejam

os primeiros beneficiários potenciais dos projetos de capacitação e de ampliação de oportunidades. Mostraram que se podem resgatar porque já começaram a resgatar-se por conta própria. [...] Devem ser os primeiros destinatários das **iniciativas de capacitação não por uma lógica de caridade (em que o critério é quem sofre mais), senão por uma lógica de eficácia transformadora (para a qual o critério é quem pode mais)**. (SOUZA, 2010, p.11, grifos nossos).

Para Souza (2010), tais disposições incorporadas pelos batalhadores, via “capital familiar”, são funcionais no contexto do capitalismo financeiro. Para Jessé,

[a] **pretensa igualdade de oportunidades é mais uma das formas de tornar a hierarquia oculta, pois efetivamente, esta “igualdade” possui uma hierarquia valorativa** representada por alguns dos aspectos acima listados, como, por exemplo, uma economia emocional baseada no controle das emoções, no raciocínio prospectivo etc. Daí porque não se trata de uma igualdade baseada em um indivíduo englobante, de caráter horizontal, mas, segundo Jessé, de um sistema hierárquico que não é apenas desigual, bem como, em sua hierarquia mesma, determina as condições e os predicados que formam e constituem o valor diferencial de cada ser humano. (CORRÊA, 2006, p. 387, grifos nossos).

Retornando ainda a essa narrativa do HGPE do dia 14 de setembro, ocorre-nos que a fala do locutor: **“Airton fez o curso do Próximo Passo, tornou-se pedreiro, abriu mão do Bolsa Família e construiu uma nova vida”** em contiguidade com a outra frase: **“Airton sabe: com Dilma o Brasil vai continuar sendo um país mais justo”**, parece-nos indicar uma reiteração – já mencionada por ocasião da análise da narrativa de Luana Paranhos – de que, ali no HGPE, era importante frisar que a oportunidade de capacitação e desligamento do Bolsa Família deveria ser vista como sinal do sucesso do Bolsa Família, em termos da implementação da justiça social.

²³ Esse é o ponto central no qual Jessé Souza estabelece sua diferença com relação a Roberto DaMatta e aos autores que seguem sua tradição – que a seu ver imaginam a sociedade funcionando sem determinações estruturais. Para Souza (2010), tais disposições incorporadas pelos batalhadores, via “capital familiar”, são funcionais no contexto do capitalismo financeiro e flexível.

No entanto, no mesmo programa do dia 26 de agosto – juntamente com a informação de que mais de dois milhões de famílias já haviam se desligado do Bolsa Família e com o relato de Luana Paranhos – é apresentada a narrativa da costureira Marilane Dantas, beneficiária do Bolsa Família e do microcrédito do Banco Nordeste, que tem **a intenção** de devolver o Bolsa Família. Ou seja, ela não pode ser apresentada pelo locutor como Luana Paranhos e Airton Rabelo, como alguém que já teria se desligado desse programa. A fala de Marilane é apresentada em sequência ao quadro “Brasil dos Recordes” apresentado naquele dia:

Marilane Dantas : Eu trabalhava, né? Me vi num momento em que minha mãe adoeceu e eu **tive que parar de trabalhar** e tomar conta da minha mãe. E quando eu voltei para o mercado, após dez anos, não encontrei **mais oportunidade (sic)**.

Locutor: Sem emprego, Marilane **foi socorrida pelo Bolsa Família e pelo microcrédito do Banco Nordeste**²⁴. **Começou a costurar, formou uma clientela e, hoje, já decidiu: vai abrir mão do Bolsa Família.**

Marilane: Eu quero passar pra outra pessoa [diz ela, na máquina, costurando]. Eu quero chegar lá e dizer: Olha, eu vim devolver meu Bolsa Família porque ele foi de grande proveito na minha vida. Eu soube aproveitar ele. Graças a Deus, ele me ajudou muito. Foi uma luz. E eu vim aqui trazer essa luz pra iluminar outras famílias.

Locutor: **Marilane é um exemplo desse Brasil que, com Lula, se tornou mais justo e solidário.**

Marilane: **A comunidade chama Lula de Pai, entendeu? Porque foi um homem que se preparou para isso. Pra dirigir o seu país. Mas pensando na igualdade. Pensando na classe lá em baixo.** Ele entrou com essa luz pros pobres. **O pai do povo é ele. E eu espero que Dilma Rousseff seja a mãe do povo (sic).** (HGPE 26/8)

Na sequência do relato de Marilane, Dilma, tendo como cenário de fundo uma estante de livros, diz:

são histórias assim que me dão a certeza: nós vamos erradicar a miséria no Brasil. **Porque o brasileiro quando recebe apoio e atenção vai em frente, luta e realiza seus sonhos. E nós criamos o Bolsa Família pra isso: pra garantir esse primeiro incentivo que a pessoa necessita pra melhorar de vida.** Ao mesmo tempo, geramos emprego, ampliamos o acesso ao crédito e criamos curso de capacitação profissional para nossa população mais carente. É por esse caminho que vamos seguir para acabar de uma vez por todas com a miséria no Brasil. (HGPE 26/8).

²⁴ O Programa de Microcrédito do Banco do Nordeste, que tem o sugestivo nome fantasia “Crediamigo”. De acordo com Mota e Santana (2011, p. 33-34) ele “foi iniciado em 1998. O perfil dos clientes do programa é marcado por pessoas que trabalham por conta própria em pequenos negócios. [...] Crediamigo Comunidade, destinado ao financiamento de capital de giro e pequenos equipamentos para a população de áreas urbanas e semiurbanas, comerciantes, prestadores de serviços, vendedores ambulantes e pequenos fabricantes, ou aqueles que desejem iniciar suas atividades”.

De início, cabe realçar como a intenção de Marilane em devolver o benefício é tratada como um gesto de solidariedade, de responsabilidade recíproca: governo e sociedade. Ao mesmo tempo, ocorre-nos que Marilane, como empreendedora, diferentemente de Luana e Airton que conseguiram emprego, demandava que o governo continuasse cumprindo o seu papel de “pai do povo”. De modo interessante, essa narrativa de Marilane corrobora o que Souza (2010) concluiu em seu estudo empírico realizado sobre a “nova classe média”, denominado por ele de nova classe trabalhadora:

Se o imaginário social mais amplo é perpassado pelo tema do “empreendedorismo”²⁵ e pelo mote “seja empresário de si mesmo”, esse canto da sereia, abraçado com gosto e sofreguidão por frações significativas das classes média e alta, não parece ter o mesmo apelo no que estamos chamando de nova classe trabalhadora. Sua proximidade de fato com os setores mais destituídos na estrutura de classes brasileira tornam-na mais sensível à necessidade de ajuda do Estado e de políticas compensatórias. (SOUZA, 2010, p.327).

Entretanto, ocorre-nos que, naquele momento, poder afirmar que dois milhões de famílias estavam se desligando do Bolsa Família por terem conseguido construir uma nova vida mostrava-se relevante para consolidar o programa como uma política de transferência de renda não clientelista ou uma “Bolsa Esmola”; uma política meramente assistencialista, como apregoado por parcela significativa da mídia em 2006. Com esse dado, ancorado nos testemunhos de Luana Paranhos e Airton Rabelo, era possível sustentar as afirmações reiteradas no HGPE de Dilma Rousseff: “Um Brasil que cresce e distribui renda”, “Um país mais forte e mais justo” ou “Um Brasil que aprendeu a crescer com inclusão social e distribuição de renda”.

Nas narrativas apresentadas anteriormente de Luana Paranhos e Airton Rabelo, o discurso político eleitoral ancorou-se na centralidade da capacitação dentro da lógica do mérito. No entanto, a narrativa de Izaque dos Santos, supervisor de logística, exibida no dia 2 de setembro, chamou-nos a atenção por focar na oportunidade de emprego gerada pelo governo em termos de mudança de posição social e, com ela, de obtenção de autoestima e reconhecimento social:

²⁵ Sobre essa presença do “empreendedorismo” no imaginário coletivo mais amplo. Ver interessante estudo de Freire Filho e Castellano (2012, p. 211). No texto, os autores mencionam: “O discurso de posse da presidente Dilma Rousseff, em que uma das metas anunciadas foi ‘transformar o Brasil num país de classe média sólida e empreendedora’, não deixa dúvida quanto à propagação da *mística do empreendedorismo* [...]”.

Dilma: E uma das coisas mais bonitas no Brasil hoje é que todos têm a oportunidade de subir na vida. Esse exemplo que a gente vai mostrar vem lá do Estaleiro Atlântico Sul, Pernambuco.

Locutor: Izaque era cortador de cana. Um tempo que ele lembra com angústia.

Izaque: Saber que na casa da minha mãe tava faltando as coisas sem poder fazer nada. Poxa, eu tenho que crescer logo, tenho que crescer pra ajudar minha mãe, não posso ver minha mãe numa situação dessa, não. Hoje [diz chorando]: Hoje, tô aqui, né (sic)?

Dilma: O Izaque ajuda a construir navios. **Ele subiu na vida.** Assim como a nossa indústria naval que, antes, estava praticamente falida e, hoje, já é uma das maiores do mundo.

Izaque: Quando vou pra casa da minha mãe no interior, é um orgulho só. O pessoal fica perguntando, puxa, o cara trabalha no estaleiro, aquela empresa grande, **eu já vi passar na televisão**, já, puxa, que orgulho, hem? Parabéns! É uma felicidade, quando eu chego no interior é só alegria (sic). (HGPE 2/09, grifos nossos).

Em texto muito esclarecedor, Mendonça (2011) auxilia-nos na compreensão da valorização atribuída por Dilma Rousseff – e seus estrategistas – a esse testemunho de Izaque dos Santos, com forte apelo sensorial. O autor salienta que a estima social é um dos domínios no qual o reconhecimento se constrói de acordo com Hegel:

A possibilidade de *estima social* está enraizada na comunidade de valores e diz respeito à apreciação das potenciais contribuições sociais e das realizações de indivíduos. Tal possibilidade está no cerne da noção de *autoestima* e da construção da solidariedade. “Na sociedade moderna, as condições para a autorrealização individual só estão socialmente asseguradas quando os sujeitos podem vivenciar o reconhecimento intersubjetivo não apenas de sua autonomia pessoal, mas também de suas necessidades específicas e capacidades particulares. (Honneth, 2003, p.189)²⁶. [...] **Cabe ressaltar que, embora Honneth, às vezes, fale de grupos, sua noção de estima está centrada no indivíduo** (Thompson, 2006; Neves, 2005)²⁷. **Isso fica claro em seus textos mais recentes, que se focam na ideia de *achievement* (realização) e a ligam à esfera do trabalho.** (MENDONÇA, 2011, p.68, grifos nossos).

Por fim, importa ressaltar que se consideram o ponto alto do HGPE de Dilma Rousseff os relatos biográficos apresentados por diversos “guerreiros”; embora no âmbito deste artigo tenha sido privilegiado a apresentação de apenas quatro. Daí ocorrermos que o discurso da “igualdade de oportunidades” tenha demandado a ênfase no uso da

²⁶ O autor refere-se ao texto: HONNETH, Axel. *Redistribution as recognition: a response to Nancy Fraser*. In: FRASER, Nancy; HONNETH, Axel. *Redistribution or recognition: a political-philosophical Exchange*. Londres/Nova York: Verso, 2003, p.110-97.

²⁷ O autor refere-se aqui aos textos: THOMPSON, Simon. *The political theory of recognition: a critical introduction*. Cambridge/Malden: Polity, 2006 e NEVES, Paulo Sérgio da C. Luta antirracista: entre reconhecimento e redistribuição. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v.20, n.59, 2005, p.81-96.

modalidade narrativa²⁸ – em detrimento do discurso argumentativo – afinal, histórias de sucesso e do modo como se “subiu na vida” só podem ser relatadas em primeira pessoa. Como salienta Arfuch (2010), testemunhos e histórias de vida podem ser vistos como cumprindo a função de ancoragem no tempo presente: em especial, naquele particular contexto econômico de 2010 – diferentemente da crise de 2008 e da atual.

5. Dilma Rousseff e a retórica midiaticizada da “igualdade de oportunidades” e da opção pelos pobres

De início, cabe sublinhar que, neste tópico, optou-se por restringir a análise a um biografema²⁹ de Dilma Rousseff veiculado em seu HGPE. Por considerá-lo exemplar do modo como Dilma constrói o discurso da igualdade e de sua opção pelos pobres.

Em seu segundo programa do HGPE, Dilma Rousseff, em um relato autobiográfico, narra uma experiência de sua infância. São exibidas uma sequência de fotos em preto e branco de Dilma criança e, em off, ela narra:

Teve uma cena na minha infância que lembro perfeitamente. Apareceu um menino na porta da minha casa querendo comida. E aí ele falou para mim que não tinha nada. Eu tinha uma nota de dinheiro. Ai eu peguei ela, rasguei e dei para ele e fiquei com a metade. Inclusive minha mãe dizia assim: que burrice como você foi fazer isso de rasgar a nota? Não vale nada. Não adianta isso (sic). (HGPE 19/08)

Depoimento esse que, a princípio, soa meio solto. Até que seis minutos e 46 segundos depois, é mostrada a seguinte sequência que lhe dá sentido:

Locutor: Com o trabalho de Lula e Dilma, surge um novo Brasil. **Um país que cresce e distribui renda** ao mesmo tempo. **Um país** mais forte, mais **justo**.

Dilma: Para você fazer isso, para você achar que tem de mudar o seu país. **Você tem que ter uma relação afetiva com seu povo**. Você tem que, ou seja, **tem que te incomodar afetivamente** [batendo com a mão no peito], **não é só racionalmente, afetivamente, a pobreza. Afetivamente, criança sem recurso**. E a mim, sempre, afetivamente me tocou muito uma coisa aqui, que eu vi muito: **a humildade do povo**. O **Lula deu a certeza pra eles que era obrigação do Estado fazer isso, que não era esmola nenhuma**. Como é que

²⁸ Marc Angenot citado por Arfuch (2010,p.111) “distingue duas grandes modalidades do discurso: a narrativa e a argumentativa, distinção operativa que supõe obviamente uma infinidade de entrecruzamentos, misturas e combinatórias”.

²⁹ Adota-se aqui a noção de *biografema* proposta por Décio Pignatari: “possível elemento unitário e básico da biografia [...] Os *biografemas* todos são armados num bastidor biográfico, em função de um certo *design*, um interpretante-objeto a que chamaríamos de ‘significado’ da vida em questão.” (PIGNATARI,1996, p.13-14).

esse país não ia fazer aquilo? Então, eu acho que isso é uma forma de respeito. Eu acho que nós demonstramos através de práticas que nós respeitamos o povo brasileiro (sic) [...] (HGPE 19/08, grifos nossos)

No dia 30 de setembro, último dia de campanha do primeiro turno, no HGPE televisivo de Dilma, presenciou-se o desfecho dessa emblemática manobra discursiva. Lula, investido da autoridade de presidente – sentado em seu gabinete, de terno e com insígnia da Presidência na lapela – diz em tom solene: “Você que acredita em mim e acha bom o meu governo. Não tenha dúvida. Vote na Dilma. **Igual a mim, a Dilma gosta dos pobres**, respeita a vida, a paz, a liberdade e as religiões [...]”

De início, interessa-nos deter no exame desse biografema de Dilma Rousseff. É ele que ancora simbolicamente a fala final de Lula: “Igual a mim, Dilma gosta de pobres”. Considera-se tal biografema uma complexa e bem planejada estratégia de construção da imagem de Dilma como candidata de esquerda que preza a igualdade e se compadece com os pobres desde criança. Aliás, é esta a função do recurso ao biografema: estabelecer uma linearidade, a preocupação de Dilma com os pobres deveria ser vista como um dom. Ela, desde pequena, incomoda-se afetivamente com os pobres. Daí ela se igualar a Lula, que também “gosta de pobre”. Nesse caso, optou-se, claramente, por uma retórica midiaticizada que possibilitasse demonstrar a presença de tal dom. Sacramento (2009), em texto intitulado “A retórica na sociedade midiaticizada: a ‘força-índice’ do verossímil”, esclarece que:

As tecnologias discursivas de que se vale a retórica midiaticizada correspondem a um conjunto de técnicas e recursos especiais que são usados estrategicamente para ter efeitos particulares sobre o público, garantindo a validade de seus discursos.[...] Tudo isso se trata, portanto, de um esforço de substituição da imaginação pela exibição. Assim, a demonstração – a “representação apresentativa” (SODRÉ, 2002, p.17) – é ela mesma mais do que o indício do real, é *um*, real concorrendo para ser *o* real. [...] Na sociedade midiaticizada, a faculdade de persuadir, para reforçar suas ilusões, tem se centrado na esfera desse novo ordenamento do signo indicial. (SACRAMENTO, 2009, p.2006-207)

O autor adverte que esse signo indicial não se trata do índice peirciano

Mas de uma quarta ordem de funcionamento dos sentidos que se articula, se hibridiza, e, principalmente, concorre com as outras na disputa pela hegemonia das representações. Essa quarta ordem corresponde ao que estou definindo como a “força-índice”: uma potencialização, uma intensificação, do indicial na direção do fechamento dele mesmo. Tal força faz do índice um sistema de ordenamento sógnico autorreferencial. Seus indícios não são provas que indicam para o acontecimento de um fato, mas indicam a si mesmo como

acontecimento de fato. Não indicam para uma exterioridade e se fixam na sua própria interioridade tecnologizada como evidência e verdade, ao mesmo tempo. Assim, as provas retóricas se tornaram as suas próprias tecnologias discursivas. E é na predominância do campo audiovisual frente ao clássico campo da escrita que a retórica midiaticizada tem alimentado a sua “força-índice” do verossímil. (SACRAMENTO, 2009, p.207)

Com base no autor, postula-se aqui que o relato autobiográfico de Dilma, ancorado em suas fotos da infância, foi o recurso, em termos de estratégia, de enunciação para produzir a verossimilhança. Mas e ao nível do enunciado? Qual sentido do ato de Dilma? Por que rasgar a nota de dinheiro e não doá-la à criança que lhe pedia comida? Por meio da leitura do texto intitulado “Política de interesses, política do desvelo” de Luiz Felipe Miguel (2001), conseguimos decifrar o enigma. Esclarece-nos o autor:

A política democrática exige igualdade, uma igualdade que inclui no cálculo o próprio sujeito, com suas carências e seus interesses, em vez de [...] anulá-lo em prol do outro. O altruísmo de tipo republicano seria o de São Martinho, que, ao ver um mendigo passando frio, cortou seu manto em dois e ficou com uma metade, entregando a outra ao necessitado. Dar o manto inteiro ao mendigo seria fazer de si próprio um novo desabrigado. Negar as próprias necessidades não é instaurar uma sociedade mais igualitária, é apenas inverter a subalternidade. (MIGUEL, 2001, p.262)

De modo curioso, o que antes se considerou um relato autobiográfico potente ganha também o estatuto de parábola: “narrativa alegórica que encerra um preceito religioso ou moral, especialmente encontrada nos Evangelhos”, segundo o Dicionário Houaiss. Por analogia, buscou-se comparar Dilma a São Martinho. De acordo com Pinto (2009), as parábolas, com as fábulas, são na atualidade recursos retóricos que “ganham lugar de destaque nos anúncios contemporâneos, especialmente em cliques para televisão” (PINTO, 2009, p.44). E complementa o autor:

Uma característica importante dos exemplos retóricos é que as histórias e personagens raramente são tirados do cotidiano, senão da mitologia, da Bíblia e obras literárias [...] O argumento dedutivo básico é denominado *entimema*, que é uma forma derivada do silogismo, no qual a premissa maior, genérica, no lugar de ser necessária é apenas provável ou apenas possível. Com frequência, os entimemas não aparecem completos no texto, ficando registradas apenas uma das premissas ou a conclusão, **deixando ao público a tarefa de completar o argumento**. Um uso comum dos entimemas em textos jornalísticos aparece em notícias nas quais o periódico não quer ou não pode afirmar nada com todas as letras. [...] grande parte dos slogans publicitários são entimemas ou parte de entimemas. (PINTO, 2009, p.44-45, grifos nossos).

No caso em questão, ocorre-nos a seguinte pergunta: quem poderia produzir o sentido pretendido? São Martinho não é um santo popular no Brasil. Entretanto, pesquisando sobre ele, não foi encontrada a informação significativa de que ele foi considerado, em 2005, o símbolo da partilha pelo Conselho da Europa e, em 2007, com base nele, foi formulado o conceito de “Partilha Cidadã”,³⁰.

Dezessete séculos após o gesto universal de Martinho, a partilha revestiu-se de uma forma contemporânea. É uma nova partilha, responsável, engajada, ampliada: a partilha cidadã.

O conceito de partilha cidadã foi ratificado por uma comissão composta por vinte especialistas europeus reunidos no contexto da celebração do 50º aniversário do Tratado de Roma no dia 14 de março de 2007, em Paris, sob a supervisão do Conselho da Europa e do Ministério da Cultura e da Comunicação, sob a presidência da senhora Catherine Lalumière.³¹ (Tradução nossa)

O conceito de partilha supõe:

Hoje, partilhar supõe igualmente uma reflexão mais global, que nos leve a mudar nosso comportamento, para que o homem possa sobreviver. **A pobreza de proximidade, como a miséria no mundo, insere-se na necessidade de uma partilha cidadã, que não despossua aquele que dá, nem crie dívida para aquele que recebe.** O desafio de nossa época é desenvolver o sentido da partilha, da fraternidade, da justiça e do respeito pelo outro, favorecendo a implicação ativa na vida da sociedade, num espírito de abertura para o mundo. Conscientes de que não podemos resolver os problemas do mundo, percebemos paralelamente que nossos comportamentos cotidianos, nossa maneira de produzir, de consumir, de desperdiçar nos levam à degradação do planeta.³²

³⁰ Disponível em: <http://www.saintmartindetours.eu/qui-sommes-nous/fondation.html>

³¹ No original: “Dix-sept siècles après le geste universel de Martin, le partage a revêtu une forme contemporaine. C’est un nouveau partage, responsable, engagé, élargi: le Partage citoyen. Le concept du Partage citoyen a été validé par une Commission d’une vingtaine d’experts européens réunis dans le cadre de la célébration du 50e anniversaire du Traité de Rome le 14 mars 2007 à Paris, sous la tutelle du Conseil de l’Europe et du Ministère de la Culture et de la Communication, sous la présidence de Madame Catherine Lalumière”

³² No original: Aujourd’hui, partager suppose également une réflexion plus globale, qui nous amène à changer nos comportements, pour que l’Homme puisse survivre. La pauvreté de proximité, comme la misère dans le monde, s’inscrit dans la nécessité d’un Partage citoyen, qui ne dépossède pas celui qui donne, et ne crée pas de dette à celui qui reçoit. L’enjeu de notre époque, c’est de développer le sens du partage, de la fraternité, de la justice et du respect de l’autre en favorisant l’implication active dans la vie de la société, dans un esprit d’ouverture au monde. Conscients que nous ne pouvons pas résoudre les problèmes du monde, nous réalisons parallèlement que nos comportements quotidiens, notre manière de produire, de consommer, de gaspiller, nous amènent à la dégradation de la planète.

Pelo exposto acima, percebe-se que o discurso de Dilma ancora-se no discurso de igualdade nos moldes republicanos e filia-se a uma posição internacional.

Considerações finais

As observações formuladas ao longo deste artigo sugerem que o entendimento do discurso político eleitoral de Dilma Rousseff, veiculado em seu HGPE televisivo, pressupõe o conhecimento do teor do estudo “A nova classe média”, coordenado por Marcelo Neri, publicado em 2008. Nesse sentido, buscou-se demonstrar como uma determinada leitura da realidade brasileira – que contou com grande visibilidade na cena de visibilidade midiática – foi traduzida imagetivamente e transformou-se em discurso e projeto político. Ainda, nesse sentido, a intenção foi também a de demonstrar como o HGPE revela o discurso oficial do lulismo sobre o fenômeno da “nova classe média” em disputa com outras visões.

Para além disso, cabe ressaltar que, no entendimento que foi possível obter nas reflexões feitas ao longo do texto, a defesa da “oportunidade de inclusão produtiva” acabou por resultar em uma defesa da igualdade de capacidades e, como bem salienta Sen (2011, p.330),

capacidades são características das vantagens individuais, e, embora possam incorporar algumas características dos processos envolvidos, não logram nos dizer o bastante sobre a justiça ou a equidade dos processos envolvidos, ou sobre a liberdade dos cidadãos para invocar e utilizar processos que sejam mais equitativos.

Referências

ALMEIDA, Jorge. **Marketing político, hegemonia e contra-hegemonia**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Xamã, 2002.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BURKE, Peter. **A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda**. São Paulo: UNESP, 2001.

BOBBIO, Norberto. **Teoria geral da política**: a filosofia política e as lições dos clássicos. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos**. Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

CÔRREA, Diogo. Somos desiguais? A propósito de Jessé Souza e Roberto DaMatta. In: SOUZA, Jessé (Org.). **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.p. 359-394.

DISCURSO DA PRESIDENTA DA REPÚBLICA, DILMA ROUSSEFF, DURANTE A 39ª REUNIÃO ORDINÁRIA DO PLENO DO CONSELHO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (CDES). Brasília- DF, 30 de agosto de 2012. Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/imprensa/discursos/discurso-da-presidenta-da-republica-dil....> Acesso em: 01/09/2012.

FAUSTO, Ruy. “esquerda/direita: á procura dos fundamentos e reflexões críticas (1ª parte). **Revista Fevereiro**. n. 3 junho de 2011. Disponível em: <http://www.revistafevereiro.com/index.html> Acesso em: 10/07/2012 .

FREIRE FILHO. João; CASTELLANO, Mayka. Eike Batista, “o bilionário popstar”: um estudo sobre a celebração midiática do empreendedorismo”. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana (Orgs.). **Acontecimentos e reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

ELES VOLTARAM É O QUE PARECE. **Carta Capital**, 5 de setembro de 2012, p.21. Coluna A Semana.

KAMEL, Ali. **Dicionário Lula**. Um presidente exposto por suas próprias palavras. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009.

LAVAREDA, Antonio. **Emoções ocultas e estratégias eleitorais**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MACHADO, Uirá. É um erro falar que existe nova classe média, diz sociólogo.13/02/2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder874777-e-um-erro-falar-que-existe-nova-classe-media-diz-sociologo.shtml>Acesso em: 13 fev.2011

MACIEL, Fabrício. Todo trabalho é digno? Um ensaio sobre a moralidade e reconhecimento na modernidade periférica. In: SOUZA, Jessé(Org.). **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.p.285-322.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. A dimensão intersubjetiva da autorrealização: em defesa da teoria do reconhecimento. In: MARQUES, Ângela; MATOS, Heloiza. **Comunicação**

e política: Capital social, reconhecimento e deliberação pública. São Paulo: Summus, 2011. p.65-81.

MIGUEL, Luis Felipe. **Mito e discurso político:** uma análise a partir da campanha eleitoral brasileira de 1994. Campinas, SP: Editora Unicamp; São Paulo, SP: Imprensa Oficial, 2000.

MIGUEL, Luis Felipe. Política de interesses, política do desvelo. **Estudos Feministas**. Ano 9, 2º sem. 2001.

MIGUEL, Luis Felipe. A palavra “aperfeiçoada”, o discurso do Partido dos trabalhadores nas eleições de 2002. In: LEMOS, André; BERGER, Christa; BARBOSA, Marialva. (Orgs.) **Narrativas midiáticas contemporâneas**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MOTA, Wilton Luiz da; SANTANA, José Ricardo de. O microcrédito como estratégia de redução da pobreza no Nordeste: uma avaliação a partir do Programa Crediamigo. V. 42, n.1. janeiro-março, 2011, p.25-47.

NERI, M. C. Miséria, Desigualdade e Estabilidade: o Segundo Real. Rio de Janeiro: CPS/IBRE/FGV, 2006 (PESQUISA).

Neri, Marcelo. A Nova Classe Média. Rio de Janeiro: CPS/IBRE/FGV, 2008.

NERI, Marcelo. A nova classe média. O lado brilhante dos pobres. Rio de Janeiro: CPS/IBRE/FGV, 2010.

PARANÁ, Denise. **Lula, o filho do Brasil**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2002.

PIGNATARI, Décio. Para uma semiótica da biografia. In: HISGAIL, Fani (Org.).

Biografia: sintoma da cultura. São Paulo: Hacker Editores: Cespuc, 1996.

PINTO, Milton José. Retórica e análise de discursos. In: LOPES, Fernanda Lima; SACRAMENTO, Igor (Orgs.) **Retórica e Mídia:** estudos ibero-brasileiros. Florianópolis: Insular, 2009.

POCHMANN, Marcio. **Nova classe média?:** O trabalho na base da pirâmide social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2012.

RICCI, Rudá. Lulismo. Da Era dos Movimentos Sociais à Ascensão da Nova Classe Média Brasileira. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2010.

SACRAMENTO, Igor. **A retórica na sociedade midiaticizada:** a força-índice” do verossímil. In: LOPES, Fernanda Lima; SACRAMENTO, Igor (Orgs.) **Retórica e Mídia:** estudos ibero-brasileiros. Florianópolis: Insular, 2009.

SEN, Amartya. **A ideia de justiça**. Tradução Denise Bottmann; Ricardo Doninelli Mendes. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SOUZA, Jessé. (Não) reconhecimento e subcidadania, ou o que é “ser gente?”. **Lua Nova**, n.59, 2003.

SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros**. Nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: UFMG, 2010.

WOLECK, Aimoré. O trabalho, a ocupação e o emprego: uma perspectiva histórica. Revista n.1. jan/jun 2002. Disponível em: <http://www.posuniasselvi.com.br/materias/artigos.htm>. Acesso em 30/07/2112.